

4 – PE. SEBASTIÃO ASSIS CARVALHO

* Caiana-Minas:15-10-1927

(65 anos)

† Rio de Janeiro: 08-07-1992

Pe. Sebastião Assis Carvalho nasceu a 15 de outubro de 1927, em Caiana-Minas, filho de Idalino Carvalho e Maria de Assis Carvalho. Entrou no colégio salesiano de Jaciguá-ES em 1940. Fez o noviciado em Pindamonhangaba em 1946. Fez a primeira profissão a 31 de janeiro de 1947. A profissão perpétua a fez em Krishnagar (estado de Bengala) na Índia, a 8 de dezembro de 1952. Cursou a filosofia em Lorena de 1947 a 1949. Fez o primeiro ano de tirocínio em Goiânia, em 1950. O segundo e o terceiro em Krishnagar. Fez a teologia em Shillong de 1953 a 1956. Ordenou-se aos sete de dezembro de 1956 no mesmo lugar.

Após a ordenação trabalhou como coordenador da pastoral e pároco em várias cidades da Índia, até 1976.

Voltou depois para o Brasil, para rever os parentes. Vendo que aqui nós precisávamos de pessoal mais do que lá (foi ele mesmo quem o disse), decidiu ficar aqui, e optou para trabalhar na Diocese de Humaitá.

Estando na Índia, escreveu um romance histórico: “Os Hugolinos”. Para a impressão conseguiu uma ajuda de fora.

Apaixonado pelos cantos religiosos, cuidou do livro “Cantemos ao Senhor”, que está na 32^a edição (em outubro 1998), e está espalhado em todo o Brasil, e sempre mais procurado.

Preparou também a música dos mesmos cantos, e foi a São Paulo para cuidar da impressão. Em junho de 1992 lhe comunicaram que o orçamento devia ser aumentado de muito, devido ao aumento do preço do papel. Este foi o motivo da sua ida a São Paulo e depois ao Rio para ver os parentes.

De 1977 a 1986, trabalhou na Diocese de Humaitá, como vigário geral, diretor da comunidade.

De 1987 a 1988, trabalhou em Ariquemes como encarregado e vigário. De 1990 a 1991, trabalhou em Manicoré como encarregado e Vigário. Em 1992 trabalhava na paróquia de São João Bosco em Porto Velho, como vigário paroquial.

Nos anos que trabalhou na Diocese de Humaitá, distinguiu-se pela bondade, apostolado, atendimento cuidadoso dos fiéis, pela pobreza e simplicidade.

No começo compramos uma mobilete, para lhe facilitar o apostolado. Na “Toca da Onça”, estrada de Manaus, construiu um grande galpão para reunir os colonos. A estrada, porém, ficou interditada, os colonos se retiraram, e ele também abandonou o galpão. Este trabalho foi feito à custa dele.

Uma vez, de moto, teve um desastre e foi jogado no chão.

Horas depois foi socorrido por pessoas que passavam com uma camionete. Já estava no estado de coma. Restabeleceu-se, mas tomou o propósito de nunca mais viajar com a mobilete. Começou fazer suas pequenas viagens com a bicicleta.

Quando lhe pediam um favor, que podia fazer nunca, dizia NÃO. Os últimos dois anos: 1990 e 1991, esteve em Manicoré como vigário e encarregado da comunidade. Foi ele que me convidou para a comunidade de Manicoré, depois que entreguei a Diocese ao meu sucessor. Na saída de Manicoré deixou muita saudade. Muitos choravam e diziam: “que padre bom era Pe. Sebastião”.

Pe. Sebastião se interessou muito pela implantação da “BOA NOVA”, na Diocese de Humaitá. Para isso foi a Caratinga e conseguiu um grupo de leigos bem formados que viessem fazer os primeiros cursos. A Boa Nova ficou bem organizada, mas depois em algumas comunidades deixou de funcionar por falta de assistência e de interesse.

Com licença dos superiores, ele movimentava as entradas da venda dos livros e dos direitos autorais. Na última vez que falou comigo, disse: “até agora todas as minhas viagens, inclusive quando voltei da Índia, não foram de peso a ninguém, mas sempre com as entradas da venda dos livros”.

Nas homilias falava com simplicidade, contando sempre algum episódio interessante, mantendo os ouvintes sempre atentos. Muitas vezes, depois do almoço, fazia limpeza no jardim ou trabalhava na horta, ou mesmo fazendo outro trabalho manual. Ultimamente, devido ao cansaço, ficava um pouco esquecido.

Pe. Sebastião sofria muito quando via certos abusos e transgressões das santas regras e dos regulamentos. Não deixava

de chamar atenção, com bons modos, para que as coisas corressem bem. Lembro-me que três vezes nasceu uma discussão na mesa, sobre falta de observância. Ele, levantou-se, foi buscar o regulamento e provou que o que estava afirmando estava certo.

Na celebração da Santa Missa, animava os cantos, entusiasmava o povo. Vi várias vezes com o terço na mão, e fazendo as visitas tradicionais dos salesianos, depois das refeições, ao SSMo. Sacramento; isto fazia bem a ele e a quem o observava.

Depois de tantos anos passados na selva amazônica, viajou para ser atropelado na “Cidade Maravilhosa”!!! Como são os desígnios de Deus!

Quando recebemos a notícia da morte “DESASTRE”, um salesiano comentou: “deve ter sido um atropelamento, pois ele costumava ir sempre a pé, nas pequenas distâncias, e sempre um pouco ligeiro.”

“Um gesto de amor”, toda a vida dele foi realizada neste gesto que só os simples sabem explicar. O que é grande aos olhos de Deus, é confundível aos olhos dos homens. Era chamado o padre da bondade. Seu apelido carinhoso sobretudo pelos jovens, era “Bastiãozinho”. Uma coisa que ensinava a todos era: “diante das dificuldades, permanecer calmo, sereno e humilde”. Pe. Sebastião tinha algo que atraía o povo. A residência do vigário era sempre aberta ao povo e todos eram atendidos, e saíam alegres, felizes e cativados por sua bondade e por seu amor. Quanto ao trabalho paroquial, era um trabalho aberto. Os líderes das comunidades sentiam força, segurança, confiança. Ele confiava nos leigos. Por isso era chamado padre “da bondade”.

“Pe. Sebastião, recebe os sufrágios e orações dos teus irmãos da congregação, da Diocese de Humaitá, pelo bem que fizeste! Partiste, querido Pe. Sebastião, deixando saudade!

Nós não te esqueceremos, e tu faze o mesmo conosco. Descanse em paz.”

No dia quatro de abril de 1998, em Manicoré, foi inaugurada uma escola para curso primário com o nome: Pe. Sebastião Assis Carvalho, como homenagem pelo bem que fez na paróquia de Manicoré, onde era chamado: “Bastiãozinho”.